



O 25 de NOVEMBRO É UM GOLPE SOCIAL - FASCISTA FALHADO!

EXTRATO DA ALOCUÇÃO DO CAMARADA
ARNALDO MATOS NO 1º ENCONTRO NA-
CIONAL DE QUADROS E ACTIVISTAS DA
PEM-L EM 6/12/75.

O 25 DE NOVEMBRO É UM GOLPE SOCIAL-FASCISTA FALHADO

O 25 de Novembro é um golpe falhado, desencadeado e dirigido pelo partido social-fascista do ministro Bernardino Cunha. Devemos pensar um pouco sobre isto, porque agora todas as camadas da burguesia parecem apostadas em quererem dizer-vos que, afinal, não foi o partido social-fascista que fez esse golpe.

Pelo menos, o sector pequeno-burguês, flutua e hesitante, juntamente com um certo sector da burguesia nacional, passa a esponja sobre o sucedido e começa a abraçar, no dia 26, aquele que começou a combater no dia 25 às 4 da manhã.

Porque é que isto acontece assim? Acontece, porque estas camadas hesitam entre a Revolução e a contra-revolução. E aquela parte que pende para a contra-revolução hesita entre imperialistas e social-imperialistas. Não dá um murro sem a seguir dar um abraço. É a política dos Melo Antunes, é a política dos Mário Soares, é a política dos Charais, é a política dos Vasco Lourenço.

Que o partido social-fascista preparou e desencadeou o golpe falhado do 25 de Novembro não oferece dúvidas para ninguém. Os camaradas sabem que a televisão vendida, a rádio e impressas vendidas mentem. Mas à custa de tanto mentir, conseguem que, por inversão, descubramos a verdade. É assim que nos três dias que precedem o golpe, as grandes figuras militares e civis do partido social-fascista e dos seus lacaios aparecem nos programas de rádio de maior audiência, nos programas de televisão mais vistos e nas primeiras páginas dos jornais que controlam.

Não são precisos muitos argumentos. Basta consultar essa imprensa e lembrar as gravações desses programas de rádio e televisão. Ai vão ver toda essa escumalha de contra-revolucionários, armados à pressa em dirigentes da classe operária, não-de ver toda essa escumalha de contra-revolucionários vir pregar e preparar o golpe. Eles vieram fazer aquilo que em linguagem de publicidade se chama o «marketing» do golpe.

No dia 25 eles ainda estavam na televisão e na rádio a explicar que a insubordinação dos paraquedistas não era uma coisa localizada, tinham apoios vastos, era uma coisa que, desta vez, «ou vai ou racha», já não há nada que voltar para trás. E uma série de obras de arte social-fascista passaram a aparecer também nesses órgãos da rádio e da televisão preparando o ambiente propício para o golpe de estado.

No próprio dia 25 de Novembro, segundo gravações que o nosso Partido obteve da sede do partido social-fascista e algumas das quais já revelou, a exuberância e a prosélia dos social-fascistas não tinham medida. Eles diziam que «isto eram favas contadas», que agora o «governo revolucionário» ia surgir.

Seguidamente, como alguma coisa apareceu que não corria bem, os social-fascistas emburram rapidamente a corda e começam — pazmem os ingénuos! — a colaborar, eles próprios, na desmontagem do golpe que tinham fabricado.

OS GOLPISTAS NÃO FORAM TRAÍDOS; ESSA CORJA É QUE TRAIU O POVO

A partir daí é um chorrinho de carpicoas — as carpideiras aparecem todas a dizer «fomos traídos, fomos traídos, fomos tetratraídos». E não-de ser pentatraídos. (Aplausos prolongados).

Porque, na verdade, não se trata, efectivamente, de uma traição do partido revisionista para com os seus lacaios. Os lacaios, em verdade, nunca são traídos. A única coisa que, do ponto de vista da lógica pode acontecer é os lacaios traírem o patrão, mas nunca o patrão traír os lacaios. (Aplausos).

O que acontece é que essa corja de contra-revolucionários traiu a classe operária, isso sim, e não pode vir agora acusar ninguém de a ter traído. A classe operária é que deve extrair as lições dos factos e adoptar, em conformidade, as medidas que se impõem.

O PLANO DO 25 DE NOVEMBRO

Do ponto de vista militar, o 25 de Novembro é uma operação de grande envergadura.

O plano elaborado pelos social-fascistas e pela V Divisão deixou vestígios suficientes para que se possa reconstituí-lo, apesar de não ter sido levado até ao fim.

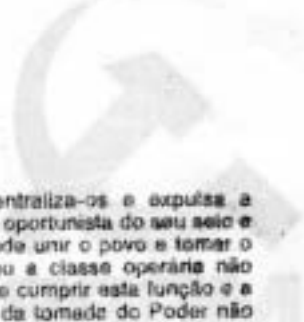
Tratava-se de, utilizando a futa iniciada pelos paraquedistas em Tancos, levá-la a uma situação de impasse; trazê-los, numa primeira manobra de concentração, de Tancos para Lisboa; colocá-los às ordens do COPCON, no Alto do Duque; armá-los e municia-los e com eles atacar de surpresa um certo número de bases da Força Aérea, para assim neutralizar aquele sector das Forças Armadas que os social-fascistas não controlavam. Essa operação foi coroada de êxito.

Seguidamente, tratava-se de desencadear o golpe a partir das suas bases de operações.

As principais bases de operações do partido revisionista residem num certo sector do Alentejo e num certo sector da cintura industrial de Lisboa. Essas bases deviam ser mobilizadas, particularmente a cintura industrial de Lisboa para isolar as unidades militares que os social-fascistas não controlavam. Desde logo, o Regimento de Comandos de Amadora.

O plano previa que uma ou duas companhias de fuzileiros navais cercariam o Regimento de Amadora, que os CD-R da Amadora procurariam, de acordo com as Comissões de Moradores tancoches controladas pelos social-fascistas, mobilizar as massas e cercarem, por sua vez, o Regimento de Comandos, de modo a que as forças do lacista Jaime Neves não pudessem sair do Regimento; a não ser à custa de milhares e milhares de baixas.

Neutralizada, por esta forma, e cercada, a força do Regimento de Comandos, os social-fascistas tinham contra si ainda duas unidades da zona de Lisboa. A Escola Prática de Infantaria, cuja capacidade operacional é reduzida e pesada, e uma unidade que é o CIAAC de Cascais, cuja atitude elas não podiam prever qual fosse em definitivo. Mas que todavia, pela exiguidade dos seus efectivos, não ofereceria um obstáculo de maior aos seus planos, tanto mais que eles contavam mobilizar as forças do RIOQ para impedir o regresso a Lisboa das forças do CIAAC.



No que diz respeito à Escola Prática de Cavalaria de Santarém, eles contavam que, com a maquinaria pesada, os carros de combate de que dispõem e o estado de má conservação do material, eles levariam, pelo menos vinte e quatro horas para aparecer no teatro da luta em Lisboa e que uma sublevação, conduzida pelos social-fascistas, no Ribatejo, impediria a EPC de sair da sua própria base de operações. O golpe estava do ponto de vista militar estruturado desta maneira.

FOI O APOIO DO POVO QUE FALHOU

O que é que falhou? Uma coisa que eles não esperavam: o povo não acorreu. O povo não foi apoiar o golpe social-fascista, como não apoiou os golpes fascistas nas edições anteriores. Isto prova que os social-fascistas, isolados como estavam, não podiam prosseguir.

Um elemento importante do seu plano e da sua tática tinha falhado.

Dal que, uma força reduzida como é o Regimento de Comandos, que a propáganda burguesa tenta apresentar como invencível, mas que não passa de um tigre de papel, pudesse cumprir, da certa maneira, as operações não do contra-ataque ao golpe, não do contra-golpe, mas de neutralização do golpe, o que é uma coisa bem diferente.

Trata-se de uma neutralização do golpe porque, de facto, nenhum dos sectores da contra-revolução mobilizava forças suficientes para levar até ao fim uma operação deste género.

Nem os social-fascistas puderam consumir o seu golpe, nem as forças que se lhes opõem puderam consumir o seu contra-golpe.

Dal que, apesar das operações militares de 25 de Novembro, tudo esteja na mesma. Quer dizer, o governo finge que deixou de estar suspenso, finge que começa a governar. O sistema das alianças sofreu ligeiras alterações e o significado dessas alterações é importante para nós. O Partido «Socialista» e o sector da burguesia nacional que considerava o partido revisionista como um partido social-fascista na véspera do 25 de Novembro, passa a considerá-lo agora um partido democrático, um partido socialista, enfim, qualquer dia um partido comunista. (Risos).

Começa a considerá-lo porque? Porque eles sabem perfeitamente que o partido revisionista

tem uma função contra-revolucionária a cumprir. Essa função é impedir a organização da classe operária, impedir a sua mobilização, impedir que ela tome consciência. Dal que os próprios chefes militares da neutralização do golpe apareçam na televisão a dizer — muito claramente e sem ambiguidades — que o partido dito comunista tem de transformar-se rapidamente num partido europeu, isto é, deve conter — e dizem isto com as palavras exactas que eu vou dizer — «devem conter os operários e controlar a extrema-esquerda». Eis, portanto, a função que o capital marca aos leiaços revisionistas e a única que de facto eles sabem cumprir.

A única coisa que foge aqui, no contexto português, a que os revisionistas cumpram esta função sem diaculir, é que os revisionistas têm um outro padrão que é o social-imperialismo revisionista soviético e, portanto, querem conter a classe operária mas querem que o poder passe para esse social-imperialismo revisionista soviético. Se não fora esta simples questão, questão importante para o nosso País, eles estariam perfeitamente de acordo com as recomendações e os conselhos do senhor Franco Chacais na televisão.

O PROLETARIADO DEVE COLHER AS LIÇÕES DO 25 DE NOVEMBRO

Como é que a classe operária deve encarar a situação? Que perspectivas se lhe abrem?

Sendo que a crise não foi vencida, sendo que a crise não pode ser vencida, a classe operária deve tirar as lições de crise.

Primeira lição. Sem isolar, neutralizar e esmagar o revisionismo e o oportunismo, a classe operária não pode levar a Revolução até ao fim. Enquanto o revisionismo e a política oportunista dos revisionistas exercer um papel predominante, como exerce, no seio da classe operária, a classe operária está condenada a servir de juguete do social-imperialismo revisionista soviético, está condenada a servir de juguete de uma facção da burguesia contra outra facção da burguesia, de juguete de um centro da contra-revolução contra outro centro da contra-revolução.

Segunda lição. A classe operária deve organizar-se rapidamente. A questão da constituição dos órgãos que permitam à classe operária tomar o Poder permanece cada vez mais urgente e cada vez mais na ordem do dia. Ou a classe operária se une como um só homem à volta desses di-

gãos, centraliza-os e expulsa a peçonha oportunista do seu seio e então pode unir o povo e tomar o Poder, ou a classe operária não consegue cumprir esta função e a questão da tomada do Poder não se põe. E mais, não só não é possível tomar o Poder, como a contra-revolução, seja sob a forma do fascismo ou do social-fascismo, instaurar-se-á.

Neste momento, a Revolução portuguesa atravessa uma fase de deliquescência. Ou os comunistas compreendem o significado de classe desse deliquescência da Revolução e superam as suas dificuldades, se unem estreitamente às massas, mergulham no seio delas e as conduzem, ou então não terá possível, a breve trecho, suportar e defender com êxito os contra-ataques que o inimigo prepara sobre a classe operária e levar, portanto, a Revolução até ao fim.

Edição da organização da FEM-L em Coimbra

14-12-75